

ESTALEIRO ESCOLA DO MUSEU DA VILA: USO SOCIAL DE EDIFICAÇÕES PÚBLICAS

VILLAGE MUSEUM SCHOOLYARD: SOCIAL USE OF PUBLIC BUILDINGS

Rita de Cássia Moura CARVALHO

<cassia.moura@ufpi.edu.br>

Doutora em Ciências da Arte, Faculdade de Belas-Artes (UL). Lisboa, Portugal
Profa. do PPG em Artes, Patrimônio e Museologia, Universidade Federal do Piauí Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9608828531602468>
<https://orcid.org/0000-0001-5936-2055>

Áurea da Paz PINHEIRO

<aureapinheiro@ufpi.edu.br>

Doutora em História, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil
Profa. do PPG em Artes, Patrimônio e Museologia Universidade Federal do Piauí | Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7575246896002294>
<https://orcid.org/0000-0002-2684-3036>

Mariana Luiza Bezerra SAMPAIO

<marianabezerra.arquiteta@gmail.com>

Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia, Universidade Federal do Piauí (UFPI)/Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba, Piauí, Brasil
Profa. Faculdade Estácio de Teresina, Teresina, Piauí, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4239099161634603>
<https://orcid.org/0000-0003-2614-1277>

RESUMO

A proposta de criação de um Estaleiro Escola do Museu da Vila integra o Projeto Matriz do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). O referido projeto tem o objetivo de criação do Ecomuseu Delta do Parnaíba, já iniciado e com seu primeiro polo – o Museu da Vila. O território que abriga o projeto é a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, da qual fazem parte dez municípios: Barroquinha e Chaval, no Estado do Ceará; Araisos, Água Doce, Tutóia e Paulino Neves, no Maranhão; Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande, no Estado do Piauí. A opção do Programa por esta natureza de museu e pelo conceito de rede, polinuclear, tem uma íntima relação com a natureza do território, uma Unidade de Conservação, que abriga comunidades ribeirinhas, praias e deltaicas, detentoras de um rico patrimônio natural e cultural em estado de vulnerabilidade socioambiental, a considerar os avanços da globalização, que provocam mudanças climáticas sem precedentes, alterando formas de ser, viver e colocando em risco a existência das espécies. A equipe do Programa de Pós-graduação acredita que esta tipologia de museu, ecomuseu, serve como base de integração entre setores e agentes públicos, privados e sociais a serviço da construção de territórios sustentáveis, de uma educação ao longo da vida e promotora de diálogos intergeracionais, interculturais. Uma tipologia de museu que integra as pessoas nas discussões e decisões sobre educação, patrimônio, cultura, meio ambiental, sustentabilidade no território que habitam, uma região que se fragiliza cotidianamente com a fragilidade ou mesmo inexistência de políticas públicas para os patrimônios, educação, cultura e meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: educação patrimonial; estaleiro escola; ecomuseologia; área de proteção ambiental Delta do Parnaíba; Piauí.

ABSTRACT

The proposal to create a School Yard of the Village Museum is part of the Project Matrix of the Postgraduate Program, Professional Master's Degree in Arts, Heritage and Museology (PPGAPM) of the Federal University of Parnaíba Delta (UFDPar). This project aims to create the Ecomuseum Parnaíba Delta, already started and with its first pole - the Village Museum. The territory that houses the project is the Environmental Protection Area of Delta do Parnaíba, which includes ten municipalities: Barroquinha and Chaval, in the State of Ceará; Araisos, Água Doce, Tutóia and Paulino Neves, in Maranhão; Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba and Ilha Grande, in the State of Piauí. The Program's option for this museum nature and for the network concept, polynuclear, has a close relationship with the nature of the territory, a Conservation Unit, which shelters riverside, beach and delta communities, holders of a rich natural and cultural heritage in a state of socio-environmental vulnerability, considering the advances of globalization, which cause unprecedented climate changes, altering ways of being, living and putting at risk the existence of species. The Graduate Program team believes that this museum typology, ecomuseum, serves as a basis for integration among public, private and social sectors and agents in the service of building sustainable territories, of lifelong education and the promotion of intergenerational, intercultural dialogues. A museum typology that integrates people in discussions and decisions about education, heritage, culture, the environment, and sustainability in the territory they inhabit, a region that is daily weakened by the fragility or even inexistence of public policies for heritage, education, culture, and the environment.

KEYWORDS: heritage education; shipyard school; ecomuseology; environmental protection area Delta do Parnaíba; Piauí.

INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM), modalidade profissional, tem seu conceito associado à uma museologia de inovação social. A missão, vocação e visão de um museu, nesse caso de um ecomuseu, é desenvolver programas, ações e projetos de investigação, que permitam a operacionalidade da cadeia museológica de documentação, salvaguarda e comunicação.

No caso particular do Projeto Matriz do PPGAPM, os territórios, as comunidades e os patrimônios estão na APA Delta do Parnaíba. O Projeto está a permitir o conhecimento, reconhecimento e valorização dos patrimônios, está a promover atribuição de sentidos e significados às histórias e memórias das comunidades, com estímulo às reflexões sobre formas de garantir a sustentabilidade (social, ambiental e econômica), com o envolvimento das populações residentes na constituição do Ecomuseu. Uma natureza de museu que necessariamente deve servir como instrumento de informação e educação às populações, para que possam vir a participar ativamente da gestão de seus patrimônios, a entenderem e valorizarem

o espaço modificado cotidianamente em suas relações como o meio ambiente. Acreditamos em uma gestão dos patrimônios próxima de seus criadores e detentores, o que justifica a nossa opção pela museologia de inovação social, que valoriza as ações socioeducativas dos museus, entendidos como espaços de educação ao longo da vida, de ações culturais e de comunicação, geradores de conhecimento, reconhecimento individual e coletivo, de valorização de culturas e identidades, de estímulo à consciência crítica, afirmando olhares e reflexões que permitem desconstruir os discursos oficiais, que negam as memórias de grupos minoritários e/ou marginalizados. (PINHEIRO, 2020).

O PPGAPM iniciou suas atividades em 2015, desde então estar a formar profissionais de várias áreas do conhecimento, que têm aprendido muito com as comunidades locais, estudado, documentado, comunicado e promovido ações educativas de salvaguarda do rico e complexo patrimônio cultural da Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. Salvaguarda de conhecimentos ancestrais, ligados aos patrimônios natural e cultural, ações que estão a permitir a ressignificação dos modos de ser, viver e se relacionar com a natureza.

Como Polo do Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUDE), o Museu da Vila (MUV), no Bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí, tem a missão de formar gestores do patrimônio cultural, museólogos, arte educadores. Trata-se de um museu-escola, vinculado ao PPGAPM. (FREIRE, 2017)

Nós últimos vinte anos, Pinheiro (2015), afirma que houve uma redução na quantidade de embarcações artesanais na APA Delta do Parnaíba e nos 66 km do pequeno litoral do Piauí, bem como um desinteresse crescente de jovens por aquele ofício e modos de saber-fazer, o que fragiliza os laços de identidade e pertencimento ao território e aos patrimônios. As comunidades ribeirinhas, praias e deltaicas trazem marcas de memórias (LE GOFF, 2003), histórias associadas à tradição familiar, ao ofício e modos de saber-fazer (BRASIL, 2000; UNESCO, 2003).

Diante dessa realidade, construímos um projeto arquitetônico e seus complementares para um Estaleiro Escola, em uma edificação sem uso social, localizada na Rua José Quirino, a 100 metros da orla da praia, do lugar onde trabalham cotidianamente os pescadores da vila. A edificação está em frente ao Museu da Vila e servirá como uma extensão daquele Museu.

Com este estudo-intervenção realizamos com e para a comunidade local ações sócio educativas e culturais para sensibilização e reconhecimento do ofício e modos de saber-fazer,

usando metodologias de educação e interpretação patrimonial e museal, rodas de memórias, oficinas de construção de maquetes de embarcações artesanais. Construímos o projeto arquitetônico e complementares para um espaço sem uso social acima referido. A médio e longo prazos, as Universidades buscarão recursos para execução do projeto arquitetônico, para a implantação do Estaleiro Escola com foco em uma didática de formação de mestres carpinteiros, pintores, marceneiros e modelistas, que possam atuar na produção artesanal de embarcações, a exemplo do que já ocorre no Estaleiro Escola do Maranhão, vinculado ao Instituto Estadual de Educação daquele Estado e Museu do Mar em São Francisco do Sul em Santa Catarina (ANDRÉS, 2018)

Este trabalho nos proporcionou crescimento profissional e humano pela possibilidade que tivemos de conviver com a comunidade da vila. Criamos formas de sensibilização para formação de públicos colaboradores para o trabalho. Usamos didática de educação para as artes, patrimônios, museus, como formas de proporcionar aos participantes, membros da comunidade local, possibilidades de uma aprendizagem sustentável e ao longo da vida, promovendo diálogos intergeracionais, que lhes permitiram conhecer e reconhecer o valor educativo, econômico e cultural dos patrimônios associados às artes de pesca e construção de embarcações.

Como trabalho de pesquisa realizamos uma imersão no território e literatura. Buscamos identificar, no Bairro, moradores com habilidades ou que pretendem adquirir conhecimentos de marcenaria, carpintaria e modelismo naval; na sequência, realizamos oficinas diversas, que referimos acima, a considerar que o projeto arquitetônico contempla uma marcenaria-carpintaria para o ensino-aprendizagem, de marceneiro-carpinteiro e a formação de aprendizes do modelismo naval, como uma maneira de transferir conhecimentos e ressignificar tradições, salvaguardando técnicas artesanais, ancestrais e de transmissão às gerações presentes e futuras.

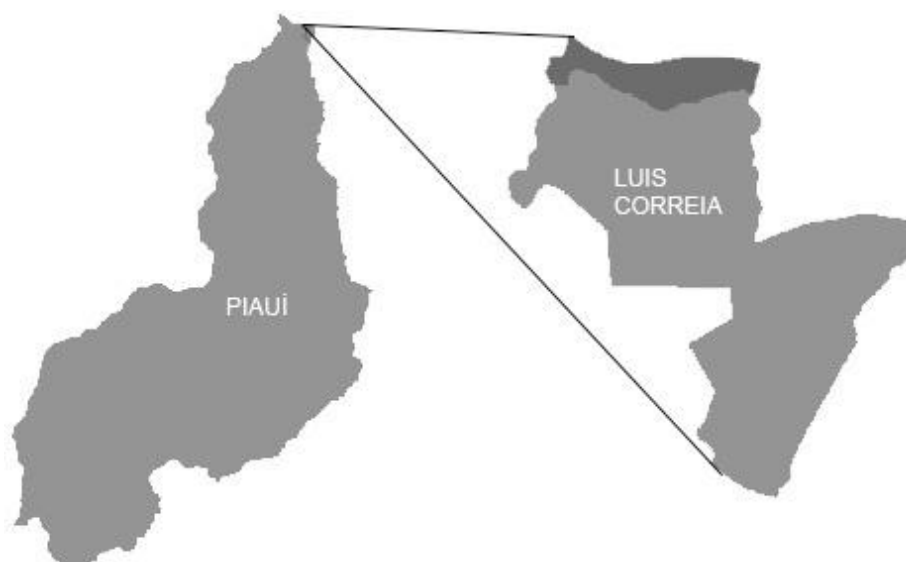
O modelismo naval é uma atividade complexa, porém encantadora, na qual se reproduz em forma de maquetes, ou seja, em uma escala reduzida, embarcações, usando as mesmas técnicas construtivas e materiais similares, aos das embarcações originais. A ideia é que associado às atividades educativas e culturais do Museu da Vila, o Estaleiro Escola possa auxiliar, a longo prazo, com sua implantação, na realização de oficinas de modelos de embarcações artesanais, educação

em museus, ambiental e patrimonial, inglês básico, informática, marcenaria, na formação de agentes de informações turísticas, no letramento e operações básicas de matemática. O projeto arquitetônico já contempla espaços destinados à formação, como salas de aula, informática, exposição, biblioteca, oficina. Esta iniciativa, projeto-intervenção tem como referência uma museologia de inovação social e faz parte do Projeto Matriz Ecomuseu Delta do Parnaíba-ECOMUDE, sob a gestão do Programa de Pós-graduação.

1 O ESTALEIRO ESCOLA DO MUSEU DA VILA

O Estaleiro Escola do Museu da Vila será um espaço educativo-cultural de construção de modelos de embarcações artesanais e de geração de renda, de sensibilização para a produção de conhecimentos, documentação, salvaguarda e comunicação do ofício e modos de saber-fazer artesanais ligados às artes de pesca e construção de embarcações artesanais.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Luís Correia, Piauí



Fonte: Mapa Karina Ferraz, 2019, editado por André Sampaio: 2020.

Ao longo do trabalho, construímos um percurso de identificação e seleção de temas, problemas e abordagens, de literatura associada a estudos e intervenções no campo de uma

museologia de cariz comunitário; literatura que nos permitisse acesso a conceitos de patrimônio e museologia (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013), e da educação patrimonial (PINHEIRO, 2015). A formação acadêmica inicial em arquitetura e urbanismo, nos permitiu construir um olhar mais sensível para os usos sociais dos espaços públicos urbanos, além da experiência profissional na docência, que nos atraiu para as propostas de metodologias ativas como as de educação patrimonial.

Figura 2 – Macrolocalização cidade de Luís Correia. Indicação do bairro Coqueiro da Praia



Fonte: Google Earth, 2019. Editado por Victor Veríssimo.

Na convivência com a comunidade local, ao longo das atividades técnico-profissionais do Mestrado (2018-2019), percebemos a necessidade de ações culturais, sociais, educativas e econômicas, que pudessem colaborar não só para a interpretação e ressignificação dos patrimônios, mas criarmos juntos com a comunidade novas formas de estudos e intervenções nos patrimônios, no contexto de uma museologia de inovação social, que permitisse que os habitantes resinificassem formas de se relacionarem com o território e dialogassem com as pessoas, com os patrimônios.

Promovemos na comunidade, de forma sistemática, um projeto associado à proposta de museu de comunidade, base do Projeto Matriz do Mestrado - ECOMUDE.

Este trabalho nos permitiu promover ações de educação e interpretação dos patrimônios, associadas às propostas educativas e culturais do Museu da Vila, transferência de conhecimentos, para que as populações locais reconhecessem os patrimônios que detém, dentre as quais as artes de pesca e as técnicas de construção de embarcações.

Usamos as metodologias participativas, com foco na pesquisa-ação, detectando problemas reais na comunidade e construindo soluções de forma participativa. É nesse contexto que propomos a criação do Estaleiro Escola, com foco no ensino-aprendizagem teórico-prática do modelismo naval, técnicas artesanais de construção de embarcações. Portanto, este trabalho é parte e desdobramento dos estudos e intervenções em andamento no território há mais de 10 anos, é a nossa contribuição nos processos de sensibilização, com ações socioeducativas ligadas à construção de maquetes, proporcionando o interesse dos usuários do Museu da Vila para o aprendizado do ofício e modos de saber-fazer da construção de embarcações artesanais.

Nos valem de pesquisa bibliográfica, visitas técnicas presenciais e *on-line* a projetos similares, identificação e análise de boas práticas em Estaleiros Escola no Brasil, nos Estados de Santa Catarina e Maranhão e em Portugal, Museu de Seixal. Em janeiro de 2019, visitamos a Unidade Vocacional Estaleiro Escola, em São Luís, no Estado do Maranhão, que promove ações de educação patrimonial, desde 2006, realizando aprendizagem teórico-prática em construção artesanal de embarcações e modelismo naval.

Realizamos estudos de caso de projetos arquitetônicos de estaleiros artesanais e industriais, com missão e vocação para o ensino do ofício e modos de saber-fazer de marcenaria e carpintaria, para a elaboração de um programa de necessidades e fluxograma do espaço objeto de intervenção, um dos produtos e serviços finais do Mestrado, qual seja: um projeto arquitetônico e seus complementos para criação do Estaleiro do Museu da Vila, com gestão compartilhada - Universidade Federal do Piauí Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, e Associação de Moradores do Bairro Coqueiro da Praia.

Usamos a pesquisa-ação, que por sua natureza de método, permite planejar, implementar, descrever e avaliar [...] uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo [...]” (TRIPP, 2005, p. 446), nos permitiu dialogar com a comunidade local, criarmos conexões, trocas de conhecimentos com a participação direta dos detentores do patrimônio cultural.

Elegemos como públicos participantes do Projeto os usuários do Museu da Vila, que realiza atividades educativas e culturais de pesquisa, documentação, salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural imaterial, como o ofício e modos de saber-fazer associados às artes de pesca e construção de embarcações. No que refere às atividades contemplamos os mediadores do Museu da Vila, como faixa etária entre 10 a 19 anos, considerados na fase de adolescência, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas (ONU), e adolescentes matriculados nos 7º, 8º e 9º anos da escola local, a Unidade Escolar Carmosina Martins da Rocha. Os adolescentes em situação de vulnerabilidade social, que residem na comunidade, com os quais desenvolvemos ações socioeducativas, para suscitar o interesse para a construção de embarcações artesanais e modelismo naval e os pescadores e construtores, entre 30 a 60 anos, proprietários e trabalhadores em embarcações artesanais, por serem, os detentores da tradição, do ofício e modos de saber-fazer, bem como pela necessidade de um espaço familiar e comunitário, *lócus* privilegiado de transmissão e trocas de saberes e experiências entre gerações.

A médio e longo prazos, a proposta do Mestrado é dialogar como agentes públicos, privados e sociais, pesquisadores, profissionais, acadêmicos, interessados no ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca, construção de embarcações e modelismo naval; visitantes, que buscam um turismo cultural, que desejam vivenciar e experienciar a vida cotidiana da comunidade.

As embarcações tradicionais da região do rio e delta do Parnaíba são canoas de pesca artesanal, denominadas simplesmente canoas, a maioria é produzida por construtores da própria região, que não usam plantas, *croquis* ou desenhos, o que justifica a necessidade de recorrermos ao longo da pesquisa à metodologia da história oral e à etnografia, recolhendo depoimentos e produzindo registros fotográficos das embarcações, dos saberes e fazeres dessas populações. No contato com os construtores e com os pescadores foi possível capturar informações sobre técnicas de construção, de navegação e de pesca. (PINHEIRO; MOURA, 2010, p. 8).

O fragmento acima é parte do relatório de pesquisa histórico-etnográfica: “Por entre rio e Mar [Delta do Parnaíba]”, no qual as autoras nos informam da existência de um rico patrimônio cultural (material e imaterial), associado ao ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca e construção de embarcações artesanais na APA Delta do Parnaíba. O trabalho das pesquisadoras é pioneiro no campo da documentação, salvaguarda e comunicação do patrimônio e da museologia de inovação social. Há conhecimentos transmitidos oralmente sobre as tecnologias de embarcações artesanais, mas não há desenhos ou projetos, os conhecimentos são transmitidos de pais para filhos ao longo do tempo. Percebemos na APA Delta do Parnaíba uma série de estudos e intervenções associados ao Projeto Matriz ECOMUDE, que permite a salvaguarda desses ofícios, modos de saber-fazer de embarcações, navegação e artes de pesca, em um contexto no qual a pesca comercial, industrial, a modernização da construção de embarcações e a ausência de interesse de jovens aprendizes do ofício, em troca de outras atividades profissionais, colocam em risco esse patrimônio cultural (CARVALHO, 2019).

Os rios, os igarapés, o mar e as praias da região, nas últimas cinco décadas, perderam a função trabalho, sobrevivência, vias de transporte, que marcaram suas existências, momentos significativos da história da navegação no Piauí, mesmo antes da chegada dos colonizadores europeus, uma colonização de exploração que trouxe consigo outras técnicas de navegação e construção de embarcações com intuito comercial, nos séculos XIX e XX, com destaque para as populações ribeirinhas, praieiras e deltaicas (PINHEIRO; MOURA, 2010). Esses acontecimentos demonstram o quanto as artes de pescas e a construção de embarcações têm importância na construção de territórios sustentáveis e de uma educação ao longo da vida, educação que permita os diálogos entre gerações de populações ribeirinhas, praieiras e deltaicas, que tinham suas atividades reguladas pela passagem das embarcações, o rio que encontra o mar e forma o Delta do Parnaíba é uma estrada líquida menos fluída, menos movimentada que outrora.

O que propomos foi acessar e intensificar as pesquisas, documentação e comunicação dos inventários participativos já realizados pelo Programa, que permitem propor políticas de salvaguarda dos patrimônios da APA Delta do Parnaíba, que inclui ações de educação e interpretação dos patrimônios, para o conhecimento e reconhecimento da importância de conhecer

e proteger um rico e complexo patrimônio cultural associado ao ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca e tecnologias de embarcações, patrimônio cultural de natureza imaterial em risco.

No território da APA Delta do Parnaíba, as embarcações artesanais são dia a dia substituídas por embarcações de médio porte, a pesca comercial causa efeitos na pesca artesanal, familiar, nos territórios pesqueiros, provoca a redução de construtores de canoas nos estaleiros artesanais. Os jovens não têm interesse pelo ofício e modos de saber-fazer, que um dia seus pais e tios aprenderam com seus avôs. Pesquisar e documentar é possibilitar formas de ressignificar o ofício e modos de saber-fazer, é promover a salvaguarda e possibilitar a geração de renda e a fixação das populações no território.

Do contato direto com as populações locais nasceu a motivação para criar o Estaleiro Escola do Museu da Vila, com foco na construção de modelos artesanais de canoas usando as técnicas construtivas, ferramentas e materiais similares ao de uma canoa, embarcação artesanal. Além disso, a criação desse equipamento, promove o uso de espaços urbanos abandonados, situação crítica para as cidades, os chamados vazios urbanos.

Diante dos riscos de perda desses patrimônios, sobretudo, as artes de pesca e a construções de embarcações artesanais, a necessidade de ocupar vazios no território do Bairro, nos questionamos: Como um projeto arquitetônico para um equipamento cultural como um estaleiro escola pode contribuir para dar uso social ao espaço público e com isso valorizar os patrimônios locais?

O litoral do Piauí tem apenas 66 km de extensão. Em sua origem era ainda menor, situação alterada por volta de 1880, a partir de acordos com o estado do Ceará, quando o litoral pôde ser ampliado, até o rio Timonha. Paula (2001) afirma que apesar da pequena extensão litorânea, a navegação era um dos principais escoadouros da produção piauiense e uma forte ligação marítima entre o norte do Brasil e a Europa.

O porto da então região conhecida como Amarração, hoje, município de Luís Correia, ganhou grande importância com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Piauí, quando passou a receber cada vez mais embarcações, desde pequenos barcos de pescadores locais até grandes

navios que traziam ferramentas e peças, para a construção da estrada (VIEIRA, 2010), (PINHEIRO; MOURA, 2010).

O Bairro Coqueiro da Praia se originou a partir da formação da cidade de Luís Correia, antes povoado de Amarração, que outrora pertencia ao estado do Ceará. Foi fundada por pescadores que se instalaram no local. Posteriormente foi reconhecida como vila (VIEIRA, 2010). O Bairro tem sua história atravessada, também, por uma ancestralidade indígena ainda pouco investigada. É um território de transição, de migrações de etnias locais, do Ceará e Maranhão. A pesca artesanal tem o ofício e modos de saber-fazer associados às etnias de hábeis nadadores e pescadores, que foram expulsos do território ou se hibridizaram com os colonizadores de origem portuguesa que avançaram sobre o lugar e trouxeram consigo técnicas de pesca e construção de embarcações, nomeadamente, portuguesas. Portanto, sua origem como uma vila de pescadores artesanais, que construíam as artes e artefatos de pesca, o que inclui as técnicas de construção e reforma de embarcações, canoas artesanais em suporte de madeiras diversas.

Com o passar dos anos, o Bairro Coqueiro e a Praia do Coqueiro ganharam visibilidade e sua ocupação foi sendo realizada por residências de veraneio, havendo grande especulação de lotes, criação de bares ao longo da costa, ocorrendo com isso também, grande descaracterização. Essa ocupação impacta não somente a paisagem visível, arquitetônica e urbanística, mas sim em toda a vivência do lugar e a relação das pessoas com seus afazeres diários. Ressaltamos uma importante diminuição da quantidade de pescadores artesanais, e em consequência também, suas embarcações e artes de pesca utilizadas na atividade, tornando-se ponto de interesse nas diversas pesquisas realizadas no território.

Segundo Varine (2013), um dos estudiosos da museologia de base comunitária que nos auxilia a justificar parte deste trabalho:

O desenvolvimento não se faz 'fora do solo'. Suas raízes devem se nutrir dos numerosos materiais que, na sua maioria, estão presentes no patrimônio: o solo e a paisagem, a memória e os modos de vida dos habitantes, as construções, a produção de bens e de serviços adaptados às demandas e às necessidades das pessoas etc. [...] O patrimônio, sob suas diferentes formas (material ou imaterial, morto ou vivo) fornece o húmus e a terra fértil necessária ao desenvolvimento. (VARINE, 2013, p. 16).

Neste contexto, lançamos o olhar para a vila de pescadores artesanais, a vila-bairro Coqueiro da Praia, a percebemos como um território com terra fértil, cujo *húmus* é o Ecomuseu Delta do Parnaíba, com projetos e processos associados, que colaboram para o reconhecimento e potencializem a estima da comunidade local para a valorização do patrimônio cultural relacionado às artes de pesca e construção de embarcações artesanais. Com a criação do Museu da Vila e o início de suas atividades, dentre as quais pesquisa, documentação, comunicação e salvaguarda, cada vez mais se ampliam os olhares para as potencialidades do território, das comunidades e dos patrimônios.

O acervo do Museu da Vila, operacional ou institucional, é constituído por embarcações de pesca artesanal, investigadas e documentadas. Há no Museu um olhar especial para as embarcações artesanais, trabalhos de pesquisa contribuem para adensar a pesquisa científica, a prospecção e salvaguarda de técnicas de construção, materiais, ferramentas, histórias de vida associadas às embarcações.

O declínio dos barcos tradicionais também faz diminuir o interesse pela profissão de carpinteiro naval, e compromete a sobrevivência dos que se encontram ainda em atividade. Diante desse quadro, torna-se urgente identificar, registrar, salvaguardar e divulgar nosso acervo e seus métodos de transmissão oral, como também criar e implementar políticas de preservação para evitar o desaparecimento completo de tecnologias seculares. (BRASIL, 2008, p. 46).

Ao observar atentamente o território da APA Delta do Parnaíba e da vila-bairro em particular nos sentimos motivados a transferir nossos conhecimentos de arquitetura, de construção de maquetes e a experiência na área de educação, para propor estudos e intervenções nos patrimônios, que colaborassem com a construção de territórios sustentáveis, nesse caso, o Estaleiro Escola do Museu da Vila.

Além de fomentar a construção de territórios sustentáveis, o ECOMUDE; Museu da Vila e Estaleiro Escola passam a ser equipamentos relevantes para a sustentabilidade do lugar nos âmbitos de educação, economia, cultura, turismo. A valorização de ofícios e modos de saber-fazer profissionais, os doutores de seu ofício, promovemos a autoestima da comunidade e possibilitamos a salvaguarda.

Uma forma de alcançar esse objetivo é a construção de maquetes das embarcações [...]. Esse trabalho requer o levantamento minucioso das dimensões e outras características do barco, para que se possa fazer seu plano de linhas e a respectiva planta, detalhada. Esses dados, mais fotografias, o histórico da embarcação, além de informações sobre o mestre carpinteiro que a construiu e outras de caráter econômico e social podem ser depositadas em local seguro. (BRASIL, 2008, p. 51).

O Estaleiro Escola do Museu da Vila é um contributo e tem impacto social, forma as pessoas, as prepara para o exercício de atividades diversas, desde modelismo naval (MAQUETES), a mediação de conhecimentos sobre as embarcações e suas histórias, o aprendizado da conservação e restauro de embarcações, informática, inglês, matemática, português, educação ambiental e patrimonial. Sem dúvida, a educação ao longo da vida e Inter geracional nesse espaço é emblemático para os residentes, colabora de forma eficiente para o desenvolvimento de um território e sua população, a partir das trocas entre o meio ensino científico e leigo.

A escolha do local para a instalação do Estaleiro Escola se justifica por três motivos principais: primeiro, a proximidade com o núcleo Museu da Vila, tornando-se, assim, uma extensão do espaço do Museu especializado nas técnicas construtivas de embarcações e voltado para o ensino que também é função do museu-escola; segundo, por sua proximidade à orla da praia, o Museu da Vila está localizado a 100 metros, portanto se cria um caminho de descida quase que obrigatória para vislumbrar o acervo operacional de embarcações ainda em uso na vila-bairro Coqueiro da Praia; terceiro, para se dar um uso social a duas edificações em estado de abandono, proporcionando ao território equipamento cultural e educativo, oportunidade de trabalho, movimento e vida ao meio urbano, transformando o espaço em lugar seguro e agradável.

A construção só existe porque somos capazes de *habitar*; a Arquitetura (esta, a base da construção) se estabelece sobre a necessidade de habitar, aqui entendida em sentido amplo, como a materialização dos espaços que o homem precisa para se estabelecer no mundo. (CARSALADE, 2007, p. 108).

Justificamos ainda a proposta arquitetônica como um elemento de acupuntura urbana, conceito trazido ao Brasil pelo arquiteto Jaime Lerner, tema muito difundido no campo da arquitetura e urbanismo, na contemporaneidade, como sendo um conjunto de ações pontuais e de revitalização que podem mudar progressivamente a vida na cidade ou no bairro, como é o caso do

Bairro Coqueiro. Para Lerner (2011, p. 21), “muitos dos grandes problemas urbanos ocorrem por falta de continuidade. O vazio de uma região sem atividade ou sem moradia pode se somar ao vazio dos terrenos baldios. Preenchê-los seria boa acupuntura”.

2 GENTRIFICAÇÃO E VAZIOS URBANOS

Outro conceito que atravessou o trabalho foi o de gentrificação, discutido há mais de 50 anos e difundido como fenômeno por todo o mundo com a globalização. Reconhecido em diversas regiões, e em camadas sociais e econômicas distintas, este fenômeno se relaciona conceitualmente às questões específicas de cada área por ele afetada (RIBEIRO, 2014). Relação esta que envolve desenvolvimento e o espaço territorial das cidades.

Segundo Ribeiro (2014, p. 2), “[...] a palavra ‘gentrificação’ expressa um processo social, econômico e espacial que vai muito além da saída de moradores ocasionada pelas forças do capital, ou ainda da reforma de espaços físicos na cidade.” Mas envolve também mudanças ou remoção, nas relações de trabalho e costumes dessa população que sofre o afastamento.

Trazer o conceito de gentrificação é o apresentar como um processo de elitização de determinadas áreas, provocando a substituição, mesmo que de forma indireta, ou seja, sem a tomada ou expulsão radical, da população tradicional do território por moradores com maior poder econômico. Este fenômeno provoca uma reestruturação territorial, alterando a infraestrutura da cidade, ou bairro em que ocorre.

As reestruturações urbanas exigem mudanças tanto no tecido urbano e planejamento urbanístico, como também nas setorizações, organizações e tipologias arquitetônicas. A arquitetura nas cidades está associada não somente as edificações e suas funções de uso tipológico, que trata somente das atividades que serão realizadas internamente nestes espaços, mas se relaciona de forma muito intensa ao movimento, ao fluxo do bairro ao qual se insere, a estrutura territorial da cidade. Desta forma se torna peça fundamental no planejamento urbano e nas relações sociais exercidas nos espaços, privados e públicos como ruas, calçadas, praças, como também nas relações das pessoas com os edifícios e com as zonas da cidade.

Quaisquer edificações, a depender do uso e localização, podem conferir maior ou menor movimento, pode provocar sazonalidade em meses do ano ou horários do dia, isto interfere diretamente nos principais locais públicos de uma cidade ou bairro. Quando ocorre um processo de gentrificação como o do nosso território de estudo, em que a orla da praia foi ocupada por bares e restaurantes, hotéis e resorts e casas de veraneio, as residências antes existentes nestes locais bem como as relações profissionais e sociais que existiam ali se afastam para o interior do bairro, provocando este tipo de sazonalidade. O uso se restringe de forma intensa em altas temporadas, como férias, feriados e fins de semana, e nos demais meses do ano e dias da semana com menor intensidade.

Isto influencia na organização territorial, nos preços dos imóveis nos espaços mais ou menos valorizados do território, provocando esvaziamento humano e o que se nomeia como “vazio urbano.” Segundo Gonçalves (2016, p. 3),

O mercado imobiliário, via de regra, conduz ao processo especulativo, que por sua vez mantém a tendência à expansão e à formação de vazios. A expansão e a criação dos vazios urbanos podem ser consideradas causa e consequência da especulação imobiliária e da busca incessante da valorização de terras urbanas. (GONÇALVES, 2016, p. 3).

O traçado urbano ocorre também por uma combinação de fatores como: interesses privados e do governo, pela especulação e valorização imobiliária, por núcleos de ocupação afastados das áreas centrais ou valorizadas (como orlas de praia), que prova expansão e espraiamento. À medida que a chamada malha urbana cresce horizontalmente, formam-se estes vazios (GONÇALVES, 2016).

No entanto o que vemos não são vazios formados apenas, por terrenos especulados pelo sistema imobiliário, mas muitos imóveis que perderam seu uso ou função com o crescimento e espraiamento das cidades e bairros.

Em nosso território de estudo, o bairro coqueiro da praia, em Luís Correia, Piauí, vemos muitos imóveis de veraneio em estado de abandono, muitos por questões de herança, ou mesmo por falta de condições em se manter um imóvel de uso sazonal.

Com o espraiamento do bairro e o afastamento da população tradicional para o interior deste, equipamentos de uso público também perdem seu uso.

Assim sendo, vazios urbanos indicam alguma alteração ou interrupção na malha urbana. [...] a expressão ‘vazios urbanos’ pode ser considerada dupla, pois o espaço não precisa estar necessariamente vazio de uso, pode ser um espaço desvalorizado, mas que tenha um potencial de reutilização. Borge (2006), complementa dizendo que esses vazios também podem ser espaços que contêm infraestrutura sem uso, ou seja, não desempenham sua real função diante do cenário econômico ou social da cidade. (DE ANDRADE; SONDA, 2017, p. 04).

De Andrade e Sonda (2017), ainda complementam que os vazios urbanos não devem ser considerados somente como problemas, das cidades e bairros, mas sim espaços que esperam por recuperação. Com estratégias de requalificação ou recuperação urbanas é possível promover uma maior continuidade, minimizando os problemas que estes vazios podem provocar no espaço. Problemas como a descontinuidade, o desinteresse e a insegurança, a exemplo.

Jacobs (2011, p. 30), aponta que a falta do que ela, nomeia como “olhos”, causa desinteresse e insegurança. “Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.”

O que quer dizer, que quanto mais usos diversificados tivermos, fachadas ativas voltadas para as ruas, mais olhos teremos atentos a elas. O movimento e a continuidade promovem também uma sensação de segurança. Em suma, tanto os vazios urbanos como os vazios humanos, ou seja, usos sazonais que provocam em um certo horário ou em uma certa época do ano, o esvaziamento do local torna este espaço propício a violência, falta de interesse, entre outros.

3 MUSEUS, EDUCAÇÃO E INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL

A concepção de museus como espaços de educação e cultura são recorrentes em nosso trabalho. Segundo Gomes (2017), a partir das ideias de Barbosa (2008), ser um espaço da ludicidade, de interesse, onde as coisas, objetos, acervo, não necessitam ser explicados, mas vivenciados. Nesta perspectiva, deve-se considerar que o conhecimento adquirido no museu, não acontece de uma única forma, mas pode despertar no sujeito, a ação, a reflexão, a interação e a afetividade.

A principal proposta do Estaleiro Escola, enquanto parte do Museu da Vila, é contribuir na educação para os patrimônios, para a salvaguarda do ofício e modos de saber-fazer de embarcações artesanais, promovendo o contato e a experiência vivenciada. Não um espaço expositivo de embarcações, mas um lugar onde se possa além de conhecer as técnicas de construção, ser possível aprender a construir uma embarcação artesanal.

Com essa pretensão, a educação patrimonial está diretamente associada ao nosso trabalho, por termos usado formas e ferramentas de sensibilização para estudos e intervenções com o fim de salvaguardar os patrimônios.

Horta; Grumberg; Monteiro (1999), afirmam que para educação patrimonial ocorrer de fato é necessário um processo permanente de educação pautado no patrimônio cultural, considerando-se esta fonte primária de conhecimento, ou seja, um conhecimento já existente, em que se busca a apropriação e valorização das heranças culturais fornecendo-lhes capacidade para melhor usufruir destes bens e até gerando novos conhecimentos num processo de criação cultural contínuo.

Nessa perspectiva, compreendemos e realizamos um processo de sensibilização para o conhecimento e reconhecimento dos patrimônios. Usamos a educação patrimonial como método ativo, crítico, lúdico, associando teoria e meios-técnicas.

A interpretação patrimonial, no entanto, não esteve sempre ligada ao conceito de educação, mas sim ao de comunicação, associado principalmente aos parques ambientais (PIRES; FERREIRA, 2007). O conceito primário de interpretação não se distancia das necessidades de aplicação em nosso trabalho, uma vez que, a partir de um inventário de artes de pesca, incluindo embarcações, que já fora realizado, entendemos a necessidade de uma forma de comunicação, uma interpretação destes resultados.

A interpretação patrimonial se apresenta como uma ferramenta de educação que se diferencia, na forma de comunicar o patrimônio cultural, utilizando-se de ferramentas livres e até lúdicas trazendo para o processo educativo uma sensação de lazer, porém gerando aprendizados (BRUSADIN, 2012).

Diversas são as ferramentas interpretativas de educação para o patrimônio, a depender de sua natureza, e como afirma Murta e Goodey (2002, p. 13):

[...] interpretar é a arte de comunicar mensagens e emoções a partir de um texto, de uma partitura musical, de uma obra de arte, ou de um ambiente ou de uma expressão cultural. E o que é interpretar o patrimônio? É o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar. (MURTA; GOODEY, 2002, p. 13).

Para a escolha dos meios e técnicas para interpretar o patrimônio, sempre irá depender do conhecimento do território, do objeto a ser interpretado e do público ao qual se destina. Considerando que a comunidade local usuária deve ser a primeira a reconhecer o próprio patrimônio permitindo a construção de formas, ferramentas e mecanismos de apresentação e comunicação (TOFOLLO; CARDOZO, 2013).

A interpretação, ao comunicar a história e a cultura de um lugar, além de destacar o diferencial que estimula visitantes, também acaba por despertar na própria comunidade orgulho sobre seu patrimônio cultural, sensibilizando e favorecendo práticas de preservação (ALBANO, 2002).

Baseados nesses conceitos de educação e interpretação patrimonial, buscamos fundamentar a prática principal do Estaleiro Escola do Museu da Vila, em que pretendemos usufruir de ferramentas interpretativas com o apoio da comunidade local, para a valorização e preservação do patrimônio cultural associado às artes de pesca.

A estratégia interpretativa a ser adotada dependerá das características culturais e ambientais do lugar, dos recursos humanos e financeiros disponíveis e do perfil do público que se quer atingir. Tal estratégia pode incluir trilhas e roteiros sinalizados, treinamentos de guias e condutores para acompanhar grupos de visitantes; publicações de mapas ilustrados e folders [...]. (MURTA; GOODEY, 2002, p. 23-24).

Segundo Murta e Goodey (2002), as estratégias de interpretação podem ser agrupadas em 3 categorias, textos e publicações, baseada no *design* e a interpretação ao vivo (com auxílio de guias). No Estaleiro Escola, pretendemos prioritariamente, utilizar uma técnica baseada no *design*, caracterizada por estes autores como modelos e reconstruções.

Os modelos, que podem ser miniaturas ou cópias de figuras em tamanho real, promovem um poder atrativo e mantém atenção, por serem muito próximos à realidade. Um exemplo do uso desta técnica são os modelos em cera de *Mme Tussaud* (MURTA; GOODEY, 2002).

Baseados nas técnicas interpretativas e nos estudos de casos trazidos neste trabalho como boas práticas, buscamos trabalhar com os modelos de embarcações artesanais, como principal ferramenta interpretativa do patrimônio ligado às artes de pesca, da vila-bairro coqueiro da praia. A proposta se trata de uma forma de educação em que “os visitantes devem tocar todas as exposições para experimentar e compreender princípios científicos e processos tecnológicos” (MURTA; GOODEY, 2002, p. 33).

Quando buscamos formas e metodologias diversas para proporcionar uma educação para o patrimônio, principalmente voltada para uma comunidade, ou seja, o nosso público não é somente o que nos visita, mas também é partícipe do processo, tratamos também de uma inovação na área social. É necessário portanto a compreensão da relação entre o nosso objeto de estudo o Ecomuseu, a museologia, o território e as inovações sociais que ocorrem com o fenômeno museu.

4 MUSEOLOGIA, INOVAÇÃO SOCIAL E ACUPUNTURA URBANA

Iniciamos nossa discussão teórica com um questionamento: Qual a relação entre a museologia social e a inovação social? Este questionamento gera tensão ao iniciarmos o pensamento a partir do conceito de que museologia é a ciência que estuda os museus, e museus são quase sempre associados às coisas do passado, então tratar de museu interligado à palavra inovação, que nos remete, a modernidade e novidade, parece antagônico. A 23ª conferência geral do ICOM, em 2013, sediada no Rio de Janeiro, Brasil, teve como tema: memória e criatividade produzem mudança social. Na ocasião o colombiano Jorge Melguizo, trouxe questionamentos relacionados a transformação que o museu deve exercer nas pessoas, pontuando a relevância de se pensar o que acontece com as pessoas quando elas saem do museu, ou seja, de que forma o museu impactou, influenciou ou transformou aquele que o visitou. A partir do questionamento sobre o que acontece quando saímos dos museus, começamos a pensar então, o que o museu nos deu, não no sentido de um objeto ou *souvenir*, mas sim aquilo que nos tocou (LEITE, 2014).

Nessa construção de pensamentos a respeito da função do museu, vemos cada vez mais a necessidade da participação efetiva do usuário de forma interativa, trazendo consigo para esta visita suas vivências pessoais para construir junto ao novo conhecimento apreendido no espaço museológico, novos conhecimentos e novas experiências.

Leite (2014), aborda o museu contemporâneo, mais como um espaço de encontro, mais como mediador, facilitador, do que como o seu tradicionalmente conhecido papel de transmissor de narrativas. Afirma ainda:

Os museus e os processos museológicos, entre as várias configurações sociais, são locais que podem facilitar esse processo de encontro entre os seres humanos consigo mesmo e com os outros. Esse reconhecimento de si e dos outros pode ser uma base para experimentar os processos de inovação social e empresarial. (LEITE, 2014, p. 2).

Nessa perspectiva, a inovação vem com uma proposta de dar vida, para que o visitante possa sentir o que acontece cotidianamente no contexto do território e comunidade. Um museu pode e deve ser um espaço de criatividade. Sendo o museu um espaço para criatividade, surge então a ideia de um museu não mais conservador de patrimônios, mas também construtor de novos patrimônios (LEITE, 2014).

Segundo Leite (2014), esta escolha pela inovação e não pela tradição, parte também dos preceitos abordados pelas ideias da nova museologia que propõe um museu mais inclusivo em que o território, a cidadania e a comunidade são os principais atores sociais. O curador, é a própria comunidade, de forma participativa, mobilização de saberes e narrativas construídas a partir de encontros.

Porém não significa que devemos abandonar totalmente a tradição, mas trazer para o conhecimento da comunidade o reconhecimento do que é o patrimônio cultural tradicional e juntos ressignificar para construir novas narrativas e novos saberes.

O ecomuseu, com sua característica polinuclear, pode se apresentar em diversas formas e estruturas, tanto o território como espaço museológico, como alguns espaços urbanos(núcleos)

no território, edificados sem uso social ou terrenos vazios, os já citados vazios urbanos, a fim de colaborar no reconhecimento e ressignificação de patrimônios tradicionais (DESVALLÉES, 2015).

Ao ocupar um espaço vazio de um território, estamos a desenvolver elementos inovadores e não seria diferente em um espaço museológico, ocupação de vazios e espaços públicos é uma estratégia de requalificação urbana, também conhecida, a partir do discurso de Jaime Lerner (2011), como acupuntura urbana, e pode ser uma grande aliada para pensar estruturas voltadas para a gestão do patrimônio.

Promover a inovação social através de equipamento arquitetônico, com a estratégia da acupuntura urbana, nos aproxima do ideal da museologia social, tratando cada elemento do processo juntamente com a comunidade que é ao mesmo tempo público e participe.

A estratégia da acupuntura urbana faz uma analogia à tradicional terapia oriental, em que se realiza determinados procedimentos em pontos específicos do corpo, e com isto, melhorando todo o sistema interligado do organismo vivo. Arquitetos e urbanistas compreendem os territórios e a relação das pessoas com o espaço urbano, como organismos vivos, em constante mutação e interferência.

Acredito que algumas 'magias' da medicina podem, e devem, ser aplicadas às cidades, pois muitas delas estão doentes, algumas em estado terminal. Assim como a medicina necessita da interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas e em cadeia. É indispensável intervir para revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira. (LERNER, 2011, p. 7).

A afirmação do autor trata de possibilidades de requalificação nos espaços urbanos, já muito difundida no campo de estudos do urbanismo contemporâneo, no entanto, com a nova roupagem e nomenclatura, nos apresenta como uma técnica inovadora, e com características próprias.

Para ser considerada uma acupuntura urbana necessitamos compreender alguns itens essenciais de intervenção. Primeiramente é necessário determinar ou identificar um ponto sensível no território para ser reanimado, requalificado, o local deverá compor e criar um ambiente que se

identifique com a identidade local, deve ser um ato rápido, justamente em rebate ao planejamento urbano tradicional que é bastante demorado. É importante a participação das pessoas, comunidade local no planejamento da intervenção, ter um fundo educativo de apreensão e pertencimento. O ideal da acupuntura é que tenha uma abordagem holística, conferindo mais responsabilidades à população, que deve replicar a compreensão e apreensão dos espaços urbanos, que podem acontecer em pequena escala, mas com o intuito de se replicar em mais e mais ações pontuais e com isso criar lugares que promovam ou resgatem a identidade cultural de um território ou de uma comunidade. Entendendo estes conceitos, passamos a conceber que a estratégia da acupuntura urbana, se aplica de forma adequada aos diversos equipamentos culturais elaborados para o Ecomuseu Delta do Parnaíba e seus núcleos, bem como as intervenções e eventos temporários (FREIRE, 2017).

E como resultados positivos destes processos, pode-se gerar não somente conhecimento para a preservação do patrimônio, mas apreensão de saberes básicos, novos saberes, que podem ser transformados em valorização, reconhecimento e até geração de renda. Trazendo com isso desenvolvimento, educação e inovação para o território e para as comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos realizar uma pesquisa-ação, que nos permitisse criar serviços e produtos, intervenções e atividades diversas no território.

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada. (THIOLLENT, 2011, p. 47).

Pelo tipo de pesquisa nos valem de outras metodologias participativas, durante o percurso da pesquisa-ação. Usamos estratégias da triangulação metodológica, na qual o pesquisador a partir de um ponto de vista, precisa se posicionar em outros dois pontos de vista no mínimo, a fim de ajustar sua análise e adequada avaliação. Assim, temos a possibilidade de uma

melhor precisão na avaliação ao usar diferentes metodologias, coletar dados de diversas formas, analisar por métodos distintos ou até mesmo, diferentes pesquisadores para o mesmo estudo.

A considerar o território da APA Delta do Parnaíba, estudamos e analisamos pesquisas bibliográficas e relatórios de trabalhos de campo já realizadas como parte do Projeto Matriz no PPGAPM. O conhecimento adquirido no território de estudos e intervenções, a partir de diversas atividades, durante os anos de 2018 e 2019, no PPGAPM foram decisivos e norteadores. A convivência com as pessoas, com a comunidade acadêmica, moradores e usuários Museu da Vila. O caminhar com o olhar atento, observando os costumes, formas de vida, o próprio espaço urbano e as vivências do território, nos permitiram compreender as necessidades e potencialidades da comunidade.

Neste contexto, partimos para estudos aprofundados sobre o acervo operacional e institucional do ECOMUDE, nomeadamente do Museu da Vila, momento caracterizado por Thiollent (2011, p. 48) como fase exploratória da pesquisa, “[...]que consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou ‘diagnostico’) da situação, dos problemas prioritários e eventuais ações”.

Usamos a observação direta e participante, pesquisa etnográfica e a história oral. Passamos para análise bibliográfica e documental das pesquisas realizadas dentro do território, como o inventário das artes de pesca realizado pela 3ª turma do PPGAPM, o relatório Projeto Por entre Rio e Mar [Delta do Parnaíba-Piauí], das professoras Doutoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura (2010). Percebemos nesses estudos, a importância de um olhar especial para as embarcações e suas técnicas construtivas artesanais, e a significativa perda deste patrimônio imaterial.

Nos relatórios dos inventários encontramos o referencial teórico, fichas com informações técnicas, nomenclaturas (tesauro), medidas dos objetos, técnicas construtivas, materiais utilizados, entrevistas e histórico, que precisávamos.

Para início de nossa base teórico-prática, partimos para a coleta das informações específicas, desses relatórios. Todas as embarcações inventariadas, à época se tornaram acervo

operacional do ECOMUDE, no entanto no ano de 2018 uma dessas embarcações foi adquirida pelo Museu da Vila e passou a ser parte do acervo institucional do museu.

Com estudos bibliográficos e de campo buscamos uma compreensão técnica ligada a construção de embarcações e ao modelismo naval. Como resultados fizemos estudos preliminares, de desenhos técnicos e maquetes (eletrônica e física em madeira) de uma canoa, a partir das informações disponíveis no inventário e do contato direto com o objeto de estudo. Baseando-se na metodologia utilizada por Andrés (1998), “para familiarizar todos os integrantes da equipe com a linguagem [...], adotamos o estudo da ‘anatomia’ da embarcação [...]”.

Durante esta etapa, que tratamos como parte de uma imersão no território, nos valem também de entrevistas e história oral, e a descoberta de histórias como a da Canoa “vovó”, nos dá um fio condutor para nortear os demais pontos da pesquisa. A necessidade da salvaguarda do patrimônio agora também material como a própria canoa, nos intriga a ter um olhar mais atento para o território urbano, que a partir dos conhecimentos como arquiteta e urbanista, desperta para os vazios urbanos e edificações em estado de abandono que nos sugerem a implementação de uma ação intervenção, em forma de um produto arquitetônico.

Buscamos, portanto, como referência de boas práticas, projetos bem sucedidos de salvaguarda dos saberes ligados às técnicas artesanais de construções de embarcações, o Núcleo Naval do Seixal, em Seixal, Portugal, Museu Nacional do Mar, São Francisco do Sul, Santa Catarina (Brasil) e Unidade Vocacional Estaleiro Escola em São Luís, Maranhão (BRASIL). Todos os projetos citados tratam da temática abordada nesta pesquisa, em que trabalham com a educação patrimonial associada às construções de embarcações artesanais, tendo escolas de construção e/ou de modelismo naval.

Em segundo momento da pesquisa realizamos uma visita *in loco* ao projeto Unidade Vocacional Estaleiro Escola em São Luís, para conhecimento da pesquisa realizada e da infraestrutura de funcionamento do projeto. Desde a arquitetura da edificação até o funcionamento dos diversos cursos e oficinas e os recursos necessários para tal. Neste momento, usufruímos da observação direta ou como podemos nomear também de estudo de caso.

A nomeada imersão no território foi a principal forma de nortear os caminhos e ferramentas de pesquisa para atingir nosso produto. No entanto, era necessário ainda identificar junto à comunidade a importância deste patrimônio e as perspectivas de sucesso na implementação de um projeto desta natureza, um Estaleiro Escola. Para tanto foi necessária a aplicação de questionário semiaberto, em busca do público interessado na proposta, para participar das oficinas ou com seus conhecimentos dentro dos temas ou interessados nos novos conhecimentos. Propomos também, ações de sensibilização com atividades educativas e interpretativas que tratavam especificamente das embarcações como, forma de fomentar e ressignificar os saberes relacionados. Oficinas de maquetes de canoas em madeira, percepção afetiva e técnica das embarcações, que deverão colaborar tanto para a constituição de acervo do Museu como também como ações educativas e culturais, que ajudam a promover a preservação, registro, produção e salvaguarda do patrimônio material e imaterial

Para a elaboração do projeto arquitetônico do Estaleiro Escola do Museu da Vila, produto final deste trabalho, utilizamos algumas metodologias para projetos de arquitetura: estudos de caso semelhante, observação direta e pesquisa bibliográfica, para elaborar um programa de necessidades e fluxograma, análise de entorno e contexto, análise do terreno insolação e ventilação, análise da legislação do município de Luís Correia – Lei complementar nº 697, de 30 de junho de 2010 que dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano (LUIS CORREIA, 2010a) e Lei complementar nº 699, de 30 de junho de 2010 que dispões sobre o código de obras (LUIS CORREIA, 2010b) –, normas – NBR 6492 que trata de representação de projetos de arquitetura (ABNT, 1994) e NBR 9050 que trata de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos (ABNT, 2015) – e Instruções Técnicas Estaduais do Corpo de bombeiros. Para a produção gráfica do projeto arquitetônico dispomos do auxílio de *softwares* como o *Autocad* versão 2016 (Educativo), *Sketchup Make* versão 2017, *Lumion* e *Revit* versão 2019.

A intervenção que realizamos e a que ainda se realizará se destina a um público de interesse, dentro de uma comunidade maior que abrange cerca de 300 famílias do Bairro Coqueiro. Apesar da ação prática ser locada em um ponto estratégico nas proximidades do Museu da Vila, ela abrange o todo da paisagem cultural ao entendermos que a comunidade em si já faz parte dessa

paisagem enquanto patrimônio, ou seja, as pessoas e seus saberes são também patrimônio e são ao mesmo tempo atores sociais e partícipes das atividades e ações deste trabalho em constante construção participativa.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Celina. O sentido da interpretação nas cidades do ouro: São João Del Rei e Tiradentes. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte, 2002. p. 273-282.

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. *Embarcações do Maranhão: recuperação das técnicas construtivas tradicionais populares*. São Paulo: UNESCO; Audchomo Editora, 1998.

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. Estaleiro escola do Maranhão: uma estratégia de salvaguarda dos conhecimentos tradicionais. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 7, n. 14, p. 229-243, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/18399>. Acesso em: 08 nov. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 6492: representação de projetos de arquitetura*. Rio de Janeiro: ABNT, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Mutações do conceito e da prática*. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000*. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Brasília, DF: IPHAN, 2000. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Museu do Mar São Francisco do Sul – SC*. Brasília, DF: IPHAN / Monumenta, 2008. (Série Preservação e Desenvolvimento; 8).

BRUSADIN, Leandro Benedini. *A educação e a interpretação do patrimônio cultural na atividade turística*. 2012. 29 f. Artigo derivado de tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index>. Acesso em: 17 mar. 2018.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Pampulha. Belo Horizonte: Conceito, 2007. (Coleção: BH.: a cidade de cada um; 10).

DE ANDRADE, Tâmara Milena; SONDA, Carolina de Moraes. Propostas de intervenções nos vazios urbanos de Cascavel/PR. In: SIMPÓSIO DE SUSTENTABILIDADE E CONTEMPORANEIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS, 5., 2017, Cascavel. *Anais [...]*. Cascavel: Centro Universitário FAG, 2017.

DESVALLÉES, André. O ecomuseu: museu grau zero ou museu fora das paredes? In: BRASIL. Ministério da Cultura. Museu Histórico Nacional. *Anais do museu histórico nacional*. Rio de Janeiro: O Museu, 2015. v. 47.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FREIRE, Pamela Krishna Ribeiro Franco. *Ecomuseu Delta do Parnaíba (MUDE): um instrumento de valorização de uma rica e complexa paisagem*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Piauí, 2017. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/123456789/815>

GONÇALVES, Luciana Marcia; BARBOSA, Yanayne Benetti; DE LOLLO, José Augusto. SIG aplicado na gestão da cidade: identificação e análise dos vazios urbanos de São Carlos, SP. In: DIA DO SIG, 2016, São Carlos, SP. *Anais [...]*. São Carlos, SP: UFSCAR, 2016.

GOMES, Vanda Marinha Silva. *Educação e ação cultural: memorial da balaiada Caxias - Maranhão*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia) – Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, PI, 2017.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grande cidade*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção Cidades).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003

LEITE, Pedro Pereira. *Museologia e inovação social*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2014.

LERNER, Jaime. *Acupuntura urbana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

LUÍS CORREIA (PI). *Lei complementar nº 697, de 30 de junho de 2010*. Dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no município de Luís Correia. Luís Correia, PI: Gabinete do Prefeito, 2010a.

LUÍS CORREIA (PI). *Lei complementar nº 699, de 30 de junho de 2010*. Dispões sobre o código de obras do município de Luís Correia e da outras providências. Luís Correia, PI: Gabinete do Prefeito, 2010b.

CARVALHO, Rita de Cássia Moura Carvalho. *Por entre Rio e Mar: artes, patrimônio e museologia*. 2019. Tese (Doutoramento em Belas-Artes. Especialidade de Ciências da Arte) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Lisboa, Portugal, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/39657>

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PAULA, António Neto de. *A carreira marítima Parnaíba-Lisboa (final do século XVIII): 1779-1793*. Teresina: EDUFPI, 2001.

PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA, Cássia. *Relatório Projeto Por entre rio e mar [Delta do Parnaíba-Piauí]*. Luís Correia, 2010.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. *Educar em Revista*, Curitiba, PR, v. 58, p. 55-67, out./dez 2015.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Relatório preliminar do projeto de pesquisa-ação: projeto matriz do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Parnaíba, PI: Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2020. Trabalho não publicado.

PIRES, Fabiana Mendonça; FERREIRA, Marta Araújo Tavares. Percepções sobre a interpretação do patrimônio edificado em Tiradentes. *Revista eletrônica de turismo e cultura*, São Paulo, jul./dez. 2007. Disponível em: www.eca.usp.br/turismocultural. Acesso em: 17 mar. 2018.

RIBEIRO, Daniel de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito e a ocorrência do processo de gentrificação no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador - BA. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 461-486, nov. 2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOFOLLO, Regina; CARDOZO, Poliana Fabíola. Interpretação patrimonial como forma de valorização das edificações e desenvolvimento turístico do município de Lapa (Paraná, Brasil). *Revista Turismo & Sociedade*, Curitiba, v. 6, n. 4, p. 1-23, out. 2013. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/turismo/article/viewFile/32952/22376>. Acesso em: 17 mar. 2018.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, ACIÊNCIA E A CULTURA, 32., 2003, Paris. *Documento aprovado* [...]. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ConvencaoSalvaguardaPatrimonioImaterial.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução: Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VIEIRA, Leda Rodrigues. *Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960*. 2010. 247 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.



Submissão: 15 de junho de 2020
Avaliações concluídas: 17 de agosto de 2021
Aprovação: 23 de dezembro de 2020

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CARVALHO, Rita de Cássia Moura; PINHEIRO, Áurea da Paz; SAMPAIO, Mariana Luiza Bezerra. Estaleiro escola do Museu da Vila: uso social de edificações públicas. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 21, n.1, p. 1-29, e-210116, jan./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>